

“Revelação” – H.P. Lovecraft

Tradução: Renato Suttana

Quem é Renato Suttana?

Renato Suttana é doutor em Letras e professor de Literatura Brasileira na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), em Guarapuava-PR. É autor de Uma poética do deslimite: o poema como imagem na obra de Manoel de Barros (dissertação de mestrado PUC-MG, 1995), de João Cabral de Melo Neto: o poeta e a voz da modernidade (tese de doutorado, UNESP-Assis, 2003) e do livro de poesias Visita do fantasma da noite (2002). Suttana também mantém seu site na web <http://www.arquivors.com>. Contatos com o tradutor podem ser feitos pelo email: rsuttana@arquivors.com

Num vale claro e risonho, que um sol gentil alumiava,
onde cada anseio ou sonho logo se realizava,
onde um pássaro cantor murmurava docemente,
minha alma, sem pranto ou dor, vitoriosa sobre a mágoa
(foi ontem mesmo, eu me lembro!), vagueava altiva e ridente.

O vale era verde e estreito, de verdes sombras coberto,
e ressoava satisfeito o som dos riachos por perto;
e a noite resplandecia de astros toda iluminada,
e Astarte no alto fulgia, lançando rios de luz
por entre as frescas ramagens, como num conto de fada.

Ali, entre luzes, cores, entre odores inebriantes
de gramas, avencas, flores, e entre os ramos circundantes,
grato aos dons da Natureza, devaneando, eu me deitava,
e então, notando a grandeza – que entre as nuvens se entrevia
a fulgir intensamente – do céu, por mais suspirava.

Ansioso, o verde afastando, abri um espaço no alto,
e um olho audaz releanceando, vi o céu despir-se no alto;
agora ignotas funduras brilhavam em frente a mim;
e, esplendendo nas alturas, para além das mais distantes
estrelas me conduziram asas de um sonho sem fim.

Esforçando-me, ofegando, nos espaços devassados,
e desejando, e aspirando, vi em vão os orbes dourados
soltos no céu luminoso. Por uma escada de luar
o abismo vertiginoso – louco, e cada vez mais sábio
e triste, a cada fracasso – do céu tentei escalar

Então, na improfícua guerra já farta de se bater,
minha alma tornou à terra, contente ao menos de ter
ainda um lar neste mundo. E agradáveis pensamentos
de amanhã, como o fecundo pensar dos tempos passados,
benditos e venturosos, ninaram os meus tormentos.

Mas, baixando, o meu olhar recuou diante do que viu;
prados, montes a queimar em negro horror descobriu;

terror nas ondas do rio; pois a clareira, despida
do seu abrigo sombrio por minha mão violadora,
sob o céu – maldita – ardia como uma terra perdida.